

Jornal da PERIFERIA

Publicação bimensal da Associação Cultural MUTIRÃO - Ano II - Nº 11 - Abril/83 - Cr\$ 50,00

Vendeu gato por lebre e se deu mal

Mais de 40 moradores do conjunto de apartamentos do PARQUE DAS ÁRVORES decidiram, numa assembléia em que esteve presente o advogado Reinaldo, mover uma ação contra a construtora J.W.M. Empreendimentos, responsável pelas obras. Os moradores reclamam e denunciam: O que nos foi entregue não foi aquilo que compramos". Por isso, querem ser indenizados pela construtora, que tentou enganá-los.

Os apartamentos estão com vazamentos de água, cheios de mofo e umidade, mas no Memorial Descritivo dos equipamentos, documento registrado no 11º Cartório de Registro de Imóveis, consta que os apartamentos são ótimos e em ótimas condições de construção. Na verdade a J.V.M. quis vender gato por lebre e seu deu mal, pois os moradores estão dispostos e organizados para a luta na justiça.

Um dos engenheiros da

J.W.M, conhecido como Dr. Guilherme, chegou até a agredir o síndico de um dos blocos de apartamentos, quando ele tentou reclamar. Além disso, a construtora alega que não construiu os apartamentos conforme estavam descritos no Memorial "porque a inflação estourou o orçamento previsto". E o que é que os moradores, que compraram uma coisa e receberam outra, têm com isso? Orçamento é problema da construtora. Se não conseguia construir o que estava vendendo, a J.W.M. tinha de reunir os proprietários e comunicar o fato. Mas, sem fazer isso, a J.W.M. se valeu de outro documento, e a Caixa Econômica autorizou, em 1980, a construção dos apartamento do modo como estão hoje. Acontece que esse "novo documento" não tem valor legal porque não está registrado no 11º Cartório de Registro de Imóveis. Por isso, agora a construtora vai ter que explicar, na Justiça, toda esta enrolação.

O primeiro passo que os moradores darão, segundo explicou o advogado, é entrar com uma petição no Fórum, denunciando o que está acontecendo. A J.W.M. será chamada para explicar esta história na Justiça. Em seguida será feito um exame pericial, por um perito policial, e é sobre esta perícia que o juiz se baseará e dará a decisão.

Desde a primeira assembléia os moradores do conjunto do PARQUE DAS ÁRVORES viram que a luta contra a construtora não vai ser fácil, mas eles acreditam que vão conseguir uma vitória, apesar das dificuldades. Uma grande dificuldade é o dinheiro que terão de juntar para pagar os gastos deste processo. Mas mesmo assim muitos moradores, em toda a cidade, estão lutando contra os exploradores e enganadores como J.W.M. Isso mostra que os trabalhadores não querem mais ser enganados e roubados pelos donos do poder.



Depois da chuva, o drama de 47 famílias sem casa, sem comida.

No dia 12 de fevereiro deste ano, todo mundo aqui da região se lembra, caiu uma tempestade sobre a cidade e mais uma vez, quem mora na periferia foi quem mais sofreu. Desta vez a chuva provocou a enchente do córrego que passa na rua Gevaldo Brumado, no Jardim das Imbuías: o córrego inundou todos os barracos dos moradores daquela área e mais de 47 famílias ficaram sem abrigo, sem comida, sem roupa. Esta situação de calamidade pública, que acontece toda vez que chove por aqui, obrigou as famílias a se abrigarem num colégio próximo à vila. No começo a coisa foi dura: faltavam colchões, não tinha comida suficiente e quase ninguém tinha roupa. Para ajudar, outros moradores das comunidades fizeram doações. Mas ninguém gosta de viver num colégio, sem casa e dependendo da caridade alheia. Por isso, os desabrigados, com o apoio da comunidade, começaram a se movimentar para solucionar o problema, porque se for esperar providência da Prefeitura ou qualquer outro órgão do governo, o trabalhador morre mesmo. No caso desta enchente, o que a Prefeitura fez foi dificultar e criar mais problemas para os desabrigados.

Aos poucos, com muita dificuldade, os moradores conseguiram descobrir um jeito de acabar com o problema. Criaram comissões, cada uma com uma tarefa, e uma delas foi a comissão de construção: em mutirão, as famílias começaram a construir casas de alvenaria, com material doado ou comprado em conjunto. As pequenas casas são construídas com blocos de cimento e cobertas com telhas, numa área que a enchente não atinge. Muitas casas já estão prontas e ocupadas e a preferência é para quem tem emprego ali perto e para as famílias mais numerosas e as mais necessitadas.

Ainda tem algumas famílias no colégio, esperando a hora de mudar e voltar para uma casa que é sua. Isso tudo foi resultado do movimento que os desabrigados e a comunidade fizeram, unindo os moradores na solução dos problemas que deviam ser resolvidos pela Prefeitura que só sabe cobrar imposto.

Todos estão apoiando o movimento e dizem que é preciso se unir e lutar por seus direitos e fortalecer o movimento para ninguém ficar sem casa, pois todos são trabalhadores (tem muitos desempregados que até hoje não conseguiram um lugar para trabalhar) e querem dar uma vida digna aos seus filhos.

Uma grande vitória na SAB de São José

A Sociedade Amigos de Bairro do São José tem nova diretoria. O resultado das eleições mostrou que os moradores querem uma SAB combativa e que luta realmente pelos interesses do bairro. Os 360 eleitores deram a vitória para a **Chapa 1**. Os novos diretores da SAB-São José são:

Presidente: Antonio Carlos Scolavo; **Vice-Presidente:** Humberto Lucio Borges; **1º Secretário:** Antonia Juliana T. Granado; **2º Secretário:** Maria Lúcia Borges; **1º Tesoureiro:** Angeio dos Santos; **2º Tesoureiro:** Clóvis Lopes Granado;

Presidente do Conselho Deliberativo: Cosme Damiano da Silva; **Secretário do Conselho:** Getúlio F. Coelho. **Conselheiros:** Francisco D. Santos, Josefa A. de Moura, Maria Isabel de Moura, Sebastião B. de Oliveira, Wilson de Oliveira e Brás Furtado.

O JORNAL DA PERIFERIA e a ASSOCIAÇÃO CULTURAL MUTIRÃO se colocam ao lado dos companheiros da SAB-São José para, juntos, lutarmos pelos direitos legítimos dos moradores da periferia, por melhores condições de vida e trabalho.

CINEMA NOS BAIRROS

Continuando a programação de levar bons filmes para os moradores da periferia, o pessoal do Cineclub já está anunciando os locais e as datas de filmes para o mês de maio:

— Dia 21/ sábado: 18,30 horas e as 20,30 horas **PARQUE DAS ÁRVORES**

— Dia 22/ domingo: 18 horas **VILA ANGELINA**

— Dia 22/ domingo: 20,30 horas **ASSOCIAÇÃO CULTURAL MUTIRÃO**

O filme do mês é "UM DIA, UM GATO". Não deixe de assistir a história de um gato que tem óculos mágicos que revelam as pessoas como elas realmente são. O gato vê o que todo mundo quer esconder!

NOTA

Este número do JORNAL DA PERIFERIA tem preço de capa de Cr\$ 50,00 porque é uma Edição Especial, de oito páginas (e não quatro, como os outros números). Como as páginas aumentaram, tivemos de aumentar também o preço, pois os custos do jornal aumentam a cada mês. O Conselho de Moradores deverá definir o novo preço do JP, para os próximos números.

Queremos participar do poder

No dia 13 de março, mais de cinquenta moradores participaram do primeiro debate promovido pela ASSOCIAÇÃO CULTURAL MUTIRÃO, sobre os canais de participação popular na administração da cidade. Para abrir a programação de uma série de debates — que serão realizados durante todo este ano — o tema escolhido foi: "OS MOVIMENTOS POPULARES E O PODER MUNICIPAL". Ao final, os moradores e os convidados, afirmaram que o objetivo foi alcançado. Ou seja, promovendo estas discussões, a MUTIRÃO pretende contribuir para a discussão e aprofundamento de questões ligadas aos problemas da população e a forma de solucioná-los. Este tipo de discussão sempre foi importante, mas agora, que um novo governador assumiu o governo afirmando que quer a "democracia participativa" — e prometeu, durante toda a sua campanha, que o povo iria participar das decisões — consideramos que é hora de ver se nós, moradores da periferia, vamos ter vez e voz: isso é que é democracia, o resto é bobagem.

OS CONVIDADOS

Para discutir este tema tão importante para os movimentos populares, estiveram presentes os seguintes convidados:

HERMÍNIA MARICATTO, do Movimento de Loteamentos Clandestinos, falando sobre "OS MOVIMENTOS POPULARES E O CAMINHO DA LUTA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA".

— ANDRADE FIGUEIRA, vereador do PMDB, que falou sobre: "OS CANAIS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR E O PAPEL DOS VEREADORES".

— LUIZA ERUNDINA, vereadora do PT, que falou sobre: "AS ORGANIZAÇÕES POPULARES E OS MEIOS DE REIVINDICAÇÃO FRENTE À PREFEITURA".

Além desses convidados, também estiveram presentes representantes das comunidades e associações populares: Padre Miguel (Paróquia de São José), Sr. Angelo (SAB de São José), Maria do Socorro (Movimento de Loteamentos de Parelheiros), Francisca da Silva (Movimento de Favelas do Grajaú) e Antonia Granado (Movimento de Água da Vila Angelina).

Aqui, um resumo de todas as questões mais importantes que foram levantadas durante o debate:



FIGUEIRA: Os canais de participação popular hoje são diversos, mas evidentemente alguns conseguem melhores resultados do que outros. Eu acho que por exemplo as SABs têm fundamental importância. A igreja, as associações em que a comunidade participa. Qualquer uma dessas entidades hoje é válida. É válido porque, infelizmente, por causa desses últimos 18 anos de ditadura, houve um período negro nesses anos, em que a população estava acostumada a receber migalhas. Felizmente, eu acredito que de 1974 para cá, com a vitória esmagadora da Oposição no Estado de São Paulo, houve uma melhor conscientização da população, que se uniu em torno de uma entidade de classe. A população entendeu que se ela se unisse ela teria condições de ver suas reivindicações ouvidas. Quanto mais unida e quanto maior fosse o número de pessoas que participasse dessa entidade, maior

seria a força no sentido de reivindicar. Não que fosse atendida de imediato, mas pelo menos ouvida. Realmente, de 1974 em diante, os movimentos se fortaleceram, e foi aumentando o número de SABs que não eram simples cabos eleitorais de políticos do PDS. Existe muito peleguismo hoje, ainda, principalmente nas SABs. Mas esta tendência vai se modificar com a conscientização do povo.

Figueira: "O melhor canal de participação hoje, ainda é a SAB"

Acredito que o melhor canal de participação de um bairro, de uma comunidade, no sentido de que o poder executivo venha

ouvir as reivindicações, ainda é a SAB. Evidentemente que outros canais existem, principalmente também os partidos políticos e os diretórios distritais. Mas a população ainda tem um pouco de receio dos partidos políticos, sem saber se suas reivindicações podem ser mesmo ouvidas. Eu acho que este receio deve terminar, porque hoje essa barreira entre a população e o partido político deve desaparecer. Acho que a população deva realmente acreditar que os políticos de alguns partidos de oposição não estão aí com fins simplesmente eleitoreiros, mas estão aí para ajudar a população. Quanto ao papel do vereador: eu acho que o vereador é aquele parlamentar que está mais ligado às bases. Muitos reclamam que o deputado federal, o deputado estadual, quando eram vereadores davam muito mais atenção à população. E há uma justificativa para isso: o vereador é o parlamentar que às vezes representa

uma determinada região, e ele é realmente o que está mais diretamente ligado à população. O deputado estadual tem que preocupar com todo o Estado, e talvez por falta de tempo ele se afasta da sua base inicial. E o deputado federal se afasta mais ainda, porque passa a maior parte do tempo em Brasília. Então cabe ao vereador o papel de ficar ligado mais diretamente à população. Eu acho que o vereador é talvez o melhor canal que a população teria para chegar ao poder executivo. E eu explico isso: sempre que eu fui convidado a participar de alguma reunião, ou quando alguma reivindicação foi feita para mim, eu nunca disse a ninguém que eu ia resolver aquele problema. Porque é comum chegar aqui um vereador ou deputado, dizendo que vai mandar asfaltar uma rua ou vai construir um Posto de Saúde. Isto é uma mentira. E por que? Porque este não é o papel que cabe ao vereador, não é o papel do poder legislativo.

“Participar é controlar a ação do Estado, participação é poder”

Existem três poderes constituídos: o legislativo, o executivo e o judiciário. Cada um tem um papel. O poder legislativo está aí para legislar e defender os interesses da população junto ao poder executivo, e também para fiscalizar o poder executivo. O poder executivo tem o dinheiro da população para aplicar em benefício da população. Então é o poder executivo que tem o dinheiro para asfaltar a rua, para construir o Posto de Saúde. E o papel do vereador é servir de caminho para a população chegar até o executivo, e isto, nos últimos anos, dificilmente aconteceu. Então quando sou solicitado, digo: “Isto vai depender mais de vocês do que de mim, vocês é que vão ter de se unir, discutir as prioridades. Sempre me coloquei como um canal da população. E eu acho que isto é que é o correto. Infelizmente

pouca coisa foi conseguida através da Oposição, mesmo a população dando toda a força possível. Às vezes acontecia de levarmos uma representação de um bairro para conversar com o Prefeito, fazer um pedido, e a prefeitura não atendia, mas comunicava a um parlamentar do PDS que aquele pedido foi feito. No dia seguinte o prefeito atendia, como um pedido deste parlamentar do PDS, não como um pedido da comunidade. Depois todos os moradores da rua recebiam um telegrama do prefeito dizendo que tinha mandado fazer aquele melhoramento a pedido daquele parlamentar. Isto aconteceu muito, inclusive aqui na região. Infelizmente a maioria dos parlamentares sempre chega aqui prometendo coisas que não pode cumprir, e isto leva a um descrédito da classe política.

Muitos acham que uma SAB talvez tivesse mais força do que um vereador para reivindicar. Eu acredito que pode ter, mas tenho a impressão de que quanto mais nós somarmos as SABs, os parlamentares representativos da região, a igreja local, toda a comunidade, mais facilmente as reivindicações serão atendidas. Então, para encerrar: os canais de participação realmente seriam a Igreja, as SABs, o jornal da região e os parlamentares. Acho que todo mundo devia trabalhar junto, não importa se é do PT ou do PMDB.

Erundina: “Quando uma pessoa da classe média nasce, já tem luz, água na torneira, escola”

LUIZA ERUNDINA: Quando a gente fala em participação popular, a gente imagina que existe um outro tipo de organização que não é popular. E isto nos leva a pensar na estrutura da sociedade: é uma sociedade onde existem classes sociais. Onde há pessoas que pertencem a um determinado nível econômico, e pessoas que estão num outro nível, inferior, e consequentemente, com um outro ní-

vel de participação e organização. Quando uma pessoa da classe média nasce, já nasce com luz na casa dele, com água na torneira, com escola e com emprego. A sociedade está organizada de tal modo que as pessoas estão distribuídas, divididas: umas gozam de certas condições, outras não. Então a gente pergunta: porque a população, para ter coleta de lixo, precisa se organizar e pressionar o prefeito? Alguma coisa está desigual nesta sociedade, alguma coisa não vai indo bem. Acho que a gente tem de entender o que é popular e o que não é popular.

“Um dia, a classe trabalhadora vai tomar o poder”

A participação é uma parte de uma coisa. Tem uma participação que é autêntica, e uma participação que não é autêntica. Quando eu falo de participação, falo de participação no poder, e como na sociedade tem pessoas que estão num nível acima, e outras que estão em outro nível abaixo, umas têm poder, outras não têm. O que é poder? Poder de dirigir a sociedade, o poder de distribuir os recursos comuns da sociedade, o poder de decidir as coisas e o poder de controlar as coisas. Existem falsas participações. Por exemplo, tem pessoas que dizem: “Olha, a população está se organizando, está participando, e conseguiu luz na favela”. Ora, eu não vejo onde está a participação no poder aí. A participação no poder é quando o governo vai fazer o orçamento para o ano e a população está dizendo a ele onde deve aplicar os recursos para a maioria da população que é classe trabalhadora. Mas o governo não discute com o povo as prioridades que ele vai definir. Portanto, a gente fica com a sobra do poder. O que é a sobra do poder? É quando o governo destina recurso para uma obra pública, dá material, dá o terreno, e manda a população construir, por exemplo, um Centro Comunitário. E diz: a

população está participando. Ao meu ver, isso é falsa participação, porque a obrigação do Estado é dar Centro Comunitário para a população, dar creche a toda a população de 0 a 6 anos, mas como não quer atender ao direito da população, o governo chama isso de participação.

Ao meu ver, participação é quando você participa, por exemplo, da elaboração do orçamento, conhece as informações, quais as necessidades do município e o que se vai destinar desses recursos para determinadas obras públicas. Participar é controlar a ação do Estado, participação implica em poder. Toda participação que é concedida, é falsa. Eu só acredito na participação quando você conquista, quando você lutou por ela. E tem sido isso a luta numa sociedade de classes. Quanto mais organizada esta participação se der, quanto mais consciente ela for, mais ela avança. Um dia, quando a classe trabalhadora for tão consciente de seus direitos, for tão organizada e tiver tantos instrumentos de luta, ela vai tomar o poder. Então esse poder é o poder do Estado e o do Governo.

Herminia: A Prefeitura sempre foi, para nós, um paredão.

HERMÍNIA: A gente precisa refletir um pouco sobre o que foram estes anos de luta, o que a gente conseguiu. O quanto nós sofremos para conseguir o pouco que a gente já conseguiu aqui. Não é que a gente não conseguiu vitórias, eu também não quero desanimar as pessoas. Mas quero dizer que o custo foi alto. E será que vai ter de ser sempre assim? Até quando nós vamos ficar apenas reivindicando água, esgoto, creche, luz, asfalto? A gente precisa pensar um pouco no passado, no que aconteceu. Uma vez nós fomos, em 6 mil pessoas, ao gabinete do prefeito. Ele não nos recebeu, era o Olavo Setubal. Eu fiquei sabendo que naquele mesmo instante em que a gente estava lá, o prefeito estava recebendo

meia dúzia de madames, mas não recebeu 6 mil pessoas do movimento de Loteamentos Clandestinos.

Nós queremos um lugar de assento na AR. Nada de receber a gente nos guichês.

Só agora conseguimos escrituras para alguns bairros, mas sabem por quê? Por causa das eleições. Se não tivesse eleição, a gente estava aqui, camelando até hoje e pedindo escrituras. E por quê? Porque nós continuamos enxergando apenas as reivindicações. Nós não enxergamos isto que a Luiza Erundina colocou aqui: que o problema são as decisões. A Prefeitura sempre foi, para nós, um paredão. E eu acho que nós precisamos romper esta parede. Agora nós temos de querer outra coisa além da reivindicação. Queremos participar do poder. Eu acho que a questão é essa.

Nós queremos um lugar aí nesta Administração Regional, um lugar sim, de assento, para resolver as coisas juntos. E nada de receber a gente no guichê. Eu acho que está na hora da gente, aqui da região, não querer mais ser recebido no guichê. Vamos eleger nossos representantes, cada movimento, cada bairro, e nós queremos que eles se sentem junto com o administrador regional e junto com todas as outras autoridades, na mesa, para decidir os planos aqui da nossa região. Agora, isto é fácil? Não, não é. E sabem porque não é fácil? Na nossa região as pessoas estão tão acostumadas a sofrer tanto, que quando vem um asfaltinho, uma água encanada, a pessoa fica satisfeitíssima. Todo mundo acha que está bem de vida porque tem uma casinha, mas a maioria dos trabalhadores, infelizmente, não percebe que a gente veio parar aqui, na periferia da cidade, onde, quando chove não dá para sair de casa e onde as pessoas não têm condições de ir a uma reunião de tão cansadas. Então, nós precisamos tentar levantar esta questão muito séria, que é a questão da consciência.

Não basta reivindicar melhoria para o bairro, acho importante, mas é necessário a gente começar a discutir como é que nós vamos participar desse poder político de decisão. Nós não queremos simplesmente eleger as pessoas, mesmo que elas sejam valorosas como estes dois vereadores que estão aqui hoje. Nós queremos participar das decisões através das nossas entidades representativas, dos nossos movimentos de bairro. Eu acho que se a gente não discutir isso, vamos continuar pagando imposto e ajudando a manter um bando de corruptos.

Francisca: "Eu acho um absurdo esse monte de gente se acabando, sem terra".

Depois que os convidados expuseram suas idéias, opiniões e propostas, a palavra foi aberta a todos os moradores, que quisessem esclarecer alguma questão, ou colocar suas opiniões. Os representantes de movimentos e entidades da região também falaram sobre suas experiências. O debate foi animado, o tema interessava a todo mundo, muitas perguntas foram feitas, mas por um problema de falta de espaço, publicamos apenas alguns trechos dessas falas:

FRANCISCA (Movimento de Favelas): Nossa luta foi grande e contínua. Ela nunca acaba porque o problema continua, vamos começar tudo de novo, vamos procurar terra. Eu também acho que não podemos só reivindicar, temos de lutar pelo poder. Agora é preciso que a gente encontre uma forma de juntar um pouco estas coisas. Porque muitos companheiros acham que a luta é individual, pois esta foi a educação que está enraizada na cabeça deles. Eu gostaria que todos discutissem juntos o problema da terra, da terra no campo e na cidade. Eu acho um absurdo esse monte de gente se acabando, sem ter onde morar, numa situação cada dia mais precária. A gente precisa conseguir terra, para quem mora nela e para quem trabalha nela.

DONA NAIR: Eu queria falar também sobre uma coisa que ainda não foi lembrada aqui, que é o problema do desemprego que nós estamos sofrendo. O que tem de assalto, assassinato, roubo, aqui na periferia é um absurdo, mas nós não podemos esquecer as causas disto. Não é só polícia que resolve isso. Todos estes problemas estão ligados com o desemprego, e eu quero saber onde estão os 400 mil empregos que o Montoro disse que ia dar quando assumisse o governo.

Socorro: "Só as pessoas no governo é que vão mudar. O sistema continua o mesmo".

SOCORRO (Movimento de Loteamentos Clandestinos): Eu queria falar sobre a participação do povo na Administração Regional. Quero fazer uma pergunta para o vereador Figueira: No programa de seu partido, o PMDB, está prevista a participação popular, mas quais os meios que são usados para esta participação? Houve uma reunião no Campo Limpo, que foi convocada através dos jornais, e todo mundo sabe que o povo não tem condições de ler jornal todo dia, porque não tem dinheiro ou porque não tem tempo de ler. Eu achei um absurdo chamar o povo para participar desta reunião através da "Folha de São Paulo". Pelo que estou vendo só as pessoas no governo é que vão mudar, porque o governo, o sistema, continua o mesmo, estão usando as pessoas para jogar as coisas dentro da cabeça da gente.

FIGUEIRA: Todo mundo sabe que a proposta do PMDB le-

vada na campanha eleitoral está baseada na participação, na descentralização do poder. Todas as 17 Administrações Regionais estão fazendo reuniões, mas a participação tem que partir dos dois lados: de quem está aberto à participação e de quem tem coisas a reivindicar. A gente não pode ficar convidando, convidando, esperando que o pessoal venha. E os Diretórios do PMDB, eu acho, são também os locais que centralizam estas reuniões e discussões com os movimentos.

PADRE MIGUEL: Eu acho que, o que vai nos dar a medida da democratização do governo, em São Paulo e nos outros Estados onde o PMDB e a Oposição ganharam, será a questão sindical. Porque o movimento popular pode ser cooptado, mas na hora de reprimir ou não, as manifestações do movimento sindical é que este governo de São Paulo vai dar provas concretas de sua disposição para a democracia.

Dona Nair: "Onde estão os 400 mil empregos que o Montoro prometeu?"

MAURO: (morador do Jardim das Imbuías): Eu queria lembrar que até agora o governo Montoro não tem consultado as entidades representativas da comunidade. Na época da campanha eleitoral não faltou dinheiro para atingir o povo, para eles chegarem com suas mensagens, consultas, e propostas até à periferia. Agora, depois de eleitos, a desculpa é que não têm dinheiro para convocar em massa. Mas a população quer participar, e para isso tem de, pelo menos, ser avisada e convocada para reuniões que lhe interessam.

HERMÍNIA: Depois de ouvir tudo isso que nós estamos dizendo aqui no debate, há mais de duas horas, eu acho que posso fazer uma proposta para ser discutida por todos. É o seguinte: vamos formar uma entidade ou o nome que seja, criar Conselhos Populares, onde a unidade vai se dar porque todas as reivindicações estarão centralizadas num amplo movimento que é o Conselho, ligado à Administração Regional, e que seja realmente capaz de representar a população. Desse jeito, o Conselho vai ter condições concretas de pressionar diretamente os órgãos do governo do Estado. Falamos muito aqui em falta de unidade dos movimentos, em politizar os movimentos reivindicatórios. Então por que não começar a pensar na criação destes Conselhos?

Padre Miguel: "O que vai dar a medida da democracia neste governo é a questão sindical".

No fim do debate, algumas questões ficaram mais claras e outras ficaram para ser discutidas e aprofundadas nos próximos encontros como este, quando se falará sempre na participação popular. Mas chegou-se a uma conclusão: a necessidade de superar a questão da unidade, de superar a questão da politização dos movimentos, que não podem continuar sendo apenas reivindicatórios. Uma forma de conseguir isso é o Conselho Popular, um lugar de controle e de tomada de decisões. Assim, os moradores da periferia, os trabalhadores, estarão em condições de enfrentar também a questão do poder. É em cima disso que se unifica e se politiza a reivindicação. Como disse a Hermínia, "já é hora da gente derrubar o paredão. Não podemos ficar só nos guichês da Prefeitura".

Expediente

Jornalista responsável:

Elizabeth de S. Lorenzoti — MT 10.716

Redação: Estrada Velha de Parelheiros, 2890,
sala 1, São José

Composto na Caminho Editorial S.A.

Povo não aguenta mais e quebra 27 ônibus

No Grajaú, o problema da falta de transporte coletivo chegou a tal ponto, que os moradores não suportaram mais. Inconformados e revoltados com a péssima qualidade dos serviços oferecidos pela empresa **Bola Branca**, os trabalhadores e donas de casa do Grajaú e de bairros vizinhos depredaram vinte e sete ônibus e incendiaram dois, no dia 16 de março. Isso aconteceu um dia depois que o novo governador Franco Montoro tomou posse. O governador, aliás, só tomou conhecimento dos graves problemas que ocorreram no Grajaú, à tarde, mas o fato tinha ocorrido de manhã, bem cedo, quando o pessoal que precisa usar os ônibus para ir ao trabalho se revoltou.

O que aconteceu no Grajaú já podia ser esperado, pois a **Bola Branca**, assim como todas as outras empresas, está fazendo boicote, tirando carros de circulação, para conseguir aumento das tarifas. Os donos da empresa disseram que aquela manifestação de revolta era coisa de "baderneiros do PT". Respondendo a essa provocação, o Diretório do PT - Partido dos Trabalhadores, de Parelheiros, divulgou uma nota desmentindo essas afirmações dos donos da **Bola Branca**. O PT afirmou que as manifestações aconteceram por causa das péssimas condições de transporte de nossa região. Que são muito antigas: há alguns anos atrás já tinha ocorrido uma grande luta na região contra a empresa **Sete de Setembro**, e os moradores conseguiram vitórias.

MOVIMENTO SE FORTALECE

Agora, ressurge o Movimento de Transportes na região, e dele estão participando os moradores do Grajaú, Cocaia, São José e outros bairros. Assim, no pró-

ximo dia 15 de maio, na Igreja do Parque Planalto, vai ser realizada uma grande assembléia do movimento, e todos os que sofrem com a falta de ônibus deverão participar. Esta é uma luta que depende de todos os moradores daqui da região. Na assembléia serão discutidas as principais reivindicações:

- Cassação da **Bola Branca**;

- Congelamento das passagens por seis meses, e aumentos proporcionais aos aumentos nos salários dos trabalhadores;

- Estatização das empresas particulares;

- Ponto final dos ônibus dentro das vilas;

- Reativação do ramal ferroviário, que até hoje está parado.

Agora, vamos debater o transporte

Todos os moradores que sofrem com os ônibus lotados, com a falta de ônibus e com o preço das passagens, estão convidados a participar do próximo **DEBATE**, que a **MUTIRÃO** vai realizar. Desta vez o tema é "TRANSPORTE DE MASSA - Ônibus, Ferrovia, Metrô". Como aconteceu no primeiro debate (VER MATÉRIA DA PÁGINA 3), a discussão do problema do Transporte também vai ligar-se a uma questão importante, que é a participação do povo nas decisões. Como deve se dar esta participação? É isso que pretendemos debater, no próximo dia 2 de junho, (quinta-feira, feriado), às 15 horas, na sede da **MUTIRÃO** (ESTRADA VELHA DE PARELHEIROS, nº 2890, Sala 1, no largo São José, em cima do Foto Nomura).

Para debater conosco o problema do Transporte, convidamos:

- **Getúlio Hanashiro**, Secretário Municipal dos Transportes, que deverá falar sobre os planos de sua Secretaria para atender às necessidades da po-

pulação, e se os moradores e usuários dos ônibus vão poder participar deste plano.

- **Tereza Lajolo**, vereadora da Comissão de Transporte do PT, que falará sobre as propostas que possibilitam a participação popular na discussão, decisão e solução dos problemas de transporte coletivo.

- **Padre Luis**, da paróquia do Grajaú, que vai falar sobre o movimento de transporte aqui na região, que através da organização por vila e com a participação ampla de moradores, conseguiu importantes vitórias. Com base nestas experiências de luta já levadas pela população, a expectativa do movimento é de contribuir, neste novo governo, para superar os obstáculos, que até hoje impedem a população de ter satisfeitas as suas necessidades.

Além desses convidados, vão participar:

- Um jornalista do jornal "Folha de São Paulo";

- Representantes de várias entidades populares da região.

VENHA DEBATER CONOSCO. CONVIDE SEUS VIZINHOS.